

DIALOGANDO TEXTOS, DISCUTINDO LEITURAS: UM TRABALHO COM CORDEÍS EM SALA DE AULA

Verucci Domingos de Almeida
(Universidade Estadual da Paraíba)

Adriana Vicente do Nascimento
(Universidade Federal de Campina Grande)

Introdução

O ensino de literatura há muito tempo vem sendo pautado na contemplação das obras eruditas estabelecidas pelo cânone, deixando de lado as manifestações populares e valorizando uma literatura letrada, que por muitos séculos foi sinônimo de vocabulário difícil e requintado. Tratando-se do ensino médio, as aulas de literatura contemplam a história literária, enfatizando os estilos de época em detrimento da leitura das obras. Pouco se lê, pouco se frui, já que essas aulas estão centradas na memorização de conceitos, datas e características de movimentos literários.

Vários procedimentos foram tomados em busca de uma melhoria no ensino de literatura que visasse a formação de leitores competentes, capazes de desfrutar de um cânone erudito, de um cânone popular e de construir seu próprio cânone, elegendo leituras que concebiam sua concepção de texto literário. Alguns documentos foram e continuam sendo importantes para os profissionais da educação nas escolas brasileiras, pois tiveram como missão dar o pontapé inicial para possíveis reflexões sobre metodologia e prática de ensino, tendo como foco o texto literário em aulas de língua portuguesa e literatura. Documentos como DCNEM, PCNEM, PCN+ e OCEM¹ foram criados para orientar os professores quanto à prática docente.

As *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* deixam claro que o ensino de literatura “trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito” (BRASIL, 2006, p. 54). Em outras palavras, o principal objetivo do ensino de literatura é oferecer subsídios para os alunos lerem literatura, fruindo-a por meio da experiência estética. De acordo com as OCEM, “se encontra na cultura popular grande quantidade de textos capazes de proporcionar a fruição estética” (op. cit., p. 59), e é por essa razão que defendemos um espaço mais

¹DCNEM - Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; PCNEM - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; PCN+ - Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; OCEM - Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

significativo da literatura de cordel na sala de aula, não só no ensino médio, mas em todas as etapas da vida escolar.

Uma das marcas da literatura de cordel é a recorrência do humor, um dos traços que reputamos essencial para o processo de humanização que a literatura desenvolve em nós (CANDIDO, 1995). A partir disso justificamos a escolha de dois cordéis para desenvolvermos uma sequência didática, como proposta de leitura e fruição na sala de aula, com alunos de ensino médio. As atividades foram planejadas baseadas na *sequência expandida*, que segundo Cosson (2009, p. 76) “vem deixar mais evidente as articulações entre experiência, saber e educação literária inscritos no horizonte desse letramento na escola”.

A *sequência expandida*, segundo Cosson (2009) consta das etapas: motivação, introdução, leitura, interpretação e expansão. Por vislumbrar a flexibilidade e as diversas possibilidades de trabalho com o fazer literário, achamos viável fundir a etapa da introdução com a motivação, pois favoreceríamos o momento da motivação e da discussão do cordel. Assim, a proposta que elaboramos para o ensino médio contempla um momento anterior a leitura – a motivação –, um momento efetivo de leitura e momentos posteriores a ela – a interpretação, apresentação, expansão e avaliação.

Consideramos a avaliação uma etapa importante por ser um instrumento capaz de diagnosticar e analisar criticamente os procedimentos e estratégias utilizadas pelo professor para alcançar os objetivos.

Contextualizando os cordéis

A presença do humor pode ser um dos principais pontos de partida para instigar os alunos à leitura dos cordéis, por ser um recurso que nos proporciona o prazer de rir, a nosso ver, a *catarse*² da experiência estética. Pensando no caráter lúdico da leitura, elegemos o humor como requisito para a escolha dos cordéis *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, de Janduhi Dantas, e *O marido que rifou a mulher na Feira da Sulanca*, de Marcelo Soares.

O primeiro cordel aborda de maneira bem-humorada a situação de um casal, em que a mulher, cansada de aguentar o marido bêbado, decide vendê-lo no mercado da cidade de Patos - PB. O segundo também utiliza o humor como artifício expressivo para a criação dos personagens e do enredo, descrevendo a relação de um casal, em que o marido cansado de dar

² Para Jauss (1979, p. 101), a *katharsis* (catarse) é “aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique”.

boa vida a sua mulher, decide rifá-la na feira da cidade de Caruaru - PE. A causa da insatisfação do marido era a postura de “dondoca” da mulher, que não cumpria com as obrigações de dona de casa.

O primeiro folheto foi escrito por Janduhi Dantas, cordelista paraibano, nascido na cidade de Patos, e professor de língua portuguesa. Ele possui mais de dez títulos de cordéis publicados, entre os quais se encontram: *A gramática no cordel*, reeditado como *Lições de gramática em versos de cordel*, *O enterro da beata fofoqueira*, *As três verdades de Deus*, *A alma do senador que caiu na lábia do Cão* e *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, um de seus cordéis mais conhecidos.

Janduhi teve suas primeiras experiências com a literatura popular ainda na infância, ouvindo-a pelo rádio ou frequentando as cantorias na cidade de Patos - PB e nos sítios circunvizinhos. O seu primeiro contato com a leitura de folhetos foi através dos clássicos do cordel pertencentes ao seu irmão mais velho. Essas experiências efetivas e afetivas da família de Janduhi com a literatura popular foram favoráveis para torná-lo cordelista e seu irmão mais novo, violeiro.

A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99 já alcançou oito edições de mil exemplares cada³. O cordel é composto por 31 sextilhas em redondilha maior, cujas rimas podem ser representadas pelo esquema ABCBDB. Este narra a inconformidade de Côca, que vive “... cuidando de três meninos/ lavando roupa e varrendo/ feito uma negra-de-ferro/ de fome o corpo tremendo” (JANDUHI, 2005, p. 3), com seu marido Damião, que “queria viver na cana/ sem tirar copo da boca” (JANDUHI, 2005, p. 3). Certo dia Côca reflete:

“Nessa vida que eu levo
eu não tô vendo futuro
eu me sinto navegando
em mar revolto e escuro
vou remar no meu barquinho
atrás de porto seguro”

“Na próxima raiva que eu tenha
desse meu marido ruim
qualquer mal que me fizer
tomarei como estopim
e a triste casamento
eu vou decidir dar fim”
(JANDUHI, 2005, p. 4)

³ Dados cedidos pelo cordelista.

Tendo Damião continuado com a vida de bebedeira e irresponsabilidades, Côca decide vender seu marido na feira da cidade por R\$ 1,99.

O segundo folheto foi escrito pelo cordelista e xilogravurista Marcelo Soares, pernambucano da cidade de Olinda. Ele iniciou o ofício com os cordéis inspirado no pai, o poeta repórter José Soares, que também o incentivou a fazer suas primeiras xilogravuras. Publicou quase uma centena de folhetos, entre eles alguns títulos como: *O cego namorado* e *A herança da minha sogra*, porém nota-se que seu ponto forte é no cordel de cunho crítico e jornalístico, talvez herança de seu pai. Na vertente crítico-jornalística destacam-se alguns títulos como: *O caso Mônica Levinsque com o presidente Clintóris*, *O castelo Monalisa do amigo deputado*, *A crise do ‘mensalão’ e o caso da cueca*, entre outros.

O marido que vendeu a mulher na Feira da Sulanca é um cordel composto por 31 setilhas em redondilha maior, cujas rimas podem ser representadas pela sequência ABABCCB nas estrofes 1,7 e 24, sendo as demais representadas pelo esquema ABCBDDDB, já que o primeiro e terceiro versos não rimam entre si. Esse cordel também narra a inconformidade de um dos cônjuges. Nesse caso, é o homem que se encontra insatisfeito com a relação e decide livrar-se de sua mulher de uma maneira inusitada. Este homem é Nicanor “cidadão, pai exemplar/ devotado com ardor/ andava sempre na linha” (SOARES, 2007, p. 2).

Nicanor, pra seu governo
era marido extremoso
honesto, trabalhador
pontual e caprichoso
este orgulho carregava
e ninguém insinuava
que ele fosse preguiçoso
(SOARES, 2007, p. 3)

Leonor, mulher de Nicanor, queria viver como dondoca, enfeitando-se e todo dia querendo uma novidade, porém não cumpria com os deveres de dona de casa. Ainda “pra piorar, Leonor/ se envergonhava dele/ arranjava mil desculpas/ para não sair com ele” (SOARES, 2007, p. 5). Tudo isso porque foi aconselhada pela sua mãe a casar com um homem que tivesse dinheiro para sustentá-la. Cansado dessas atitudes de Leonor, Nicanor decide rifar sua mulher e sua sogra na feira.

Para o ensino de literatura, destacamos que além do humor, ponto comum entre as obras, o trabalho com os cordéis também foi favorecido pelos caminhos que foram possíveis percorrer, graças a qualidade literária de ambos, tais como os tipos humanos que povoam o imaginário popular, a construção das personagens, o ambiente do mercado, a comicidade na

figura da sogra, a inversão de papéis sociais, a intertextualidade com arquétipos sociais, como mulher - amélia e mulher - dondoca, entre outros. Ressaltamos assim, o caráter polissêmico do texto literário e os múltiplos vieses que podem ser explorados pelo professor para uma leitura compartilhada, frutiva e dinâmica.

Vivenciando os cordéis em sala de aula

TEMAS: intertextualidade, relacionamento afetivo, condição da mulher

OBJETO DE ESTUDO: Os folhetos e a construção do humor

SÉRIE: 1º ano do ensino médio

Sabe-se que o ensino de literatura no nível médio tem um cunho mais historiográfico e a leitura literária se constitui nas obras estabelecidas pelo cânone. No entanto, achamos mais viável que na primeira etapa deste nível sejam trabalhados os gêneros e subgêneros literários e a leitura efetiva de obras que contemplem a literatura popular, marginal, entre outras, assim como a literatura de cordel, que costuma ser esquecida pelos professores (PARAÍBA, 2006).

OBJETIVOS:

- estimular o gosto pela leitura de cordéis;
- proporcionar a fruição estética através da literatura de cordel;
- identificar traços do humor presentes no cordel.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- folheto *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, de Janduhi Dantas;
- folheto *O marido que rifou a mulher na Feira da Sulanca*, de Marcelo Soares;
- cartaz.

PROCEDIMENTOS:

- leitura oral;
- leitura compartilhada⁴;

⁴ De acordo com Colomer (2007, p. 147), “compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia”.

- discussão e debate;
- encenação.

QUANTIDADE DE AULAS:

4 aulas

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES (COSSON, 2009):

MOTIVAÇÃO:

Para o início do trabalho com a leitura literária, a motivação da turma é uma etapa essencial, pois a partir dela é que o professor prepara os alunos para entrarem no universo da leitura (COSSON, 2009). Um recurso eficaz para entrar neste universo é trazer para a realidade do aluno aquilo que se passa dentro da narrativa, aproximando mais o texto do leitor, fazendo-o adentra-se no mundo narrativo e interagir com ele. Na estrofe 17 do cordel *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*, Côca, cansada de sofrer por causa do seu marido vagabundo,

Pegou uma cartolina
que ela havia escondido
escreveu nervosamente
com a raiva do bandido:
“Por um e noventa e nove
estou vendendo o marido”
(JANDUHI, 2005, p. 5)

A partir dessa atitude da personagem, propomos que para este momento de motivação, o professor prepare um cartaz contendo o letreiro “Vende-se um marido por 1,99” e pregue-o na lousa. Depois levante questionamentos para os alunos, do tipo: Quem gostaria de comprar um marido? Como seria o marido ideal para se comprar? Por que esse marido está à venda? Em que circunstâncias (onde e como) ela iria vendê-lo? Que argumentos ela usaria para vendê-lo? Esses questionamentos são fundamentais não só para antecipar, mas também para estimular o prazer da descoberta, fomentando as expectativas sobre o cordel.

**VENDE-SE UM MARIDO POR
R\$ 1,99**

LEITURA:

O segundo momento da apreciação do texto é a leitura oral do cordel *O marido que vendeu a mulher por R\$ 1,99*, dando destaque para a expressividade provocada pelos diálogos entre as personagens, pois é isso que favorece o tom humorístico no poema. De acordo com Pinheiro e Lúcio (2001, p. 84) “se a narrativa tem um tom humorístico, a leitura deverá realçar esse traço”. Essa leitura deve ser compartilhada (COLOMER, 2007), envolvendo o professor e a turma, em que cada pessoa possa ler uma estrofe do cordel. Um exemplo desses diálogos é a negociação de Côca com algumas mulheres que se interessaram em comprar o seu marido:

Umás bêbadas que estavam
estiradas pelo chão
despertaram com os gritos
e uma do cabelão
perguntou pra Dona Côca
“Qual o preço do gatão?”

“É um e noventa e nove
não está vendo o cartaz?”
Dona Côca respondeu
e a bêbada disse: “O rapaz
tem uma cara simpática
acho até que vale mais”
(JANDUHI, 2005, p. 6)

INTERPRETAÇÃO

Após a leitura é importante o debate e a discussão sobre os pontos mais relevantes do texto. Essa prática permite perceber a identificação dos alunos com o cordel à medida que estes vão apontando os versos que mais lhes chamaram atenção, bem como as estrofes em que o humor foi mais perceptível para cada um. Caso não parta dos alunos, o professor poderá lançar alguns pontos para provocar a discussão em torno de alguns temas, que consistirá na interpretação. O debate oral poderá ser sobre a construção social dos personagens (o marido e a mulher), a relação entre o espaço e o universo popular, a linguagem do cordel, o discurso do narrador e das personagens, entre outros.

APRESENTAÇÃO:

Após a interpretação o professor pode explorar oralmente a relação estabelecida entre os alunos e o universo do cordel, relatando, de maneira geral, porém simplificada, o que este representa, quais temas aborda, o perfil dos cordelistas, as suas condições de trabalho, locais

de produção, de venda, entre outros aspectos que julgar importante. Essa apresentação do gênero deve ser feita de forma resumida, subentendendo que os alunos já tenham conhecimento de alguns pontos sobre o cordel, não sendo necessária uma aula explicativa sobre o assunto. Porém, fica a critério de cada professor, que conhecendo seus alunos, saiba da necessidade de aprofundar esses pontos.

EXPANSÃO:

A expansão, segundo Cosson (2009, p. 94), “é esse movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário”. A leitura de uma segunda obra que complete a leitura da primeira é o que pretendemos na expansão, destacando a relação intertextual, sabendo que essa prática pode se dar com qualquer gênero que dialogue com a primeira leitura.

A escolha de um segundo folheto se deu pela pretensão de privilegiar a expansão da experiência estética com a literatura de cordel, estabelecendo o diálogo entre ambos a partir da temática e do enfoque das personagens. Sendo assim, o cordel escolhido para esse momento foi *O marido que rifou a mulher na Feira da Sulanca*, de Marcelo Soares.

Indicamos a leitura oral e em voz alta pelo professor, seguida da interpretação do cordel de cunho comparativo, que possibilitará aos alunos a identificação dos pontos convergentes e divergentes entre os folhetos lidos (estrutura rítmica dos cordéis, a construção das personagens, os elementos pré-textuais, entre outros). Para Pinheiro e Lúcio (2001, p. 86), “o objetivo da comparação é estimular a discussão, o diálogo, o confronto de pontos de vistas e chamar a atenção para o fato de que a literatura de cordel coloca na ordem do dia questões humanas fundamentais”.

Alguns pontos convergentes observados nos cordéis são a presença do ambiente popular (feira, mercado); ambas narrativas destacam a relação conjugal; a construção do humor configura-se na ação dos protagonistas e nos tipos humanos que compõem a narrativa; o tom pejorativo que norteiam os títulos nas palavras “sulanca”, feira de produtos com preços baixos, “1, 99”, valor depreciativo para vender-se um marido, entre outros. Esses pontos devem ser observados e colocados na discussão pelos alunos. Porém, se eles não apontarem, o professor pode levantar alguns questionamentos que os despertarão para tais pontos, do tipo: Qual o desfecho das narrativas? Em que ambiente os acontecimentos se passam? Como são os personagens femininos e masculinos? O que sugere os títulos? Que artigos são vendidos na feira da Sulanca e no mercado por 1,99?, entre outros.

REGISTRO:

O registro é uma forma de “verificar o balanço final, ou seja, se o objetivo da leitura foi alcançado” (COSSON, 2009, p. 114). Sugerimos a encenação do cordel *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99* ou a dramatização de uma cena do folheto, por exemplo, o momento da venda do marido na feira. A encenação pode envolver a turma toda ou parte dela, no trabalho de dramatizar o cordel. Alguns alunos irão encenar, enquanto outros podem cuidar do figurino, da sonoplastia, da maquiagem, do cenário, entre outros.

AVALIAÇÃO:

É importante ressaltar que a avaliação aqui não serve para punir ou cobrar, mas para diagnosticar como se deu o processo de recepção (JAUSS, 1979) e interação do texto com o leitor (ISER, 1979), portanto teremos como procedimento avaliativo a participação nas atividades propostas. Sugerimos ao professor que entregue retângulos de cartolina em branco para os alunos para que registrem com apenas uma palavra as impressões sobre o texto e cole no mesmo cartaz, outrora utilizado no momento de motivação da leitura. Sugerimos ainda, uma pesquisa de provérbios populares que foquem o humor ou as relações humanas e construa-se um mural.

Considerações Finais

Relações de mundo e arte, perspectivas e olhares... diálogos que fomentam a ideia de essencialidade da ficção no ambiente escolar.

A arte literária é sensorial e imagética, por isso deve entrar no espaço escolar de forma especial. Ela tem uma ação embriagadora, provoca revisões e óticas diversas, como explica Régis (1998, p.85), ao postular que “a literatura nos expõe à convivência com o jogo infundo das significações, às ricas possibilidades de associações na nossa mente” por isso não há lugar mais propício a essa convivência que a sala de aula.

Não há receituários ou manuais de procedimentos teórico-metodológicos, nem mesmo fórmulas milagrosas de vivenciar o texto ficcional. Porém, faz-se necessário repensar a prática do professor frente aos textos literários e as posturas ainda vigentes em instituições, que se apoiam na escolarização da literatura, usando o texto literário como pretexto para estudos linguísticos e/ou gramaticais, em vez de ampliar este universo que acompanha o indivíduo em boa parte de sua vida.

Acreditamos no poder de catarse e da transformação através do fazer literário. Concebemos a possibilidade de ocasionar um encontro encantatório e reflexivo entre o leitor, o autor e o texto, fundamentado na dialética relação entre estes e valorizando os sentidos e as experiências particulares de leituras.

A apreciação literária deve se dar sob uma ótica particular, com estímulo a descoberta, a multiplicidade. Deve-se dar um tratamento adequado, reconhecendo as especificidades do texto literário e seus respectivos gêneros, frisando seu aspecto polissêmico, lúdico e sua natureza fictícia, pois é através destes que se chega ao prazer encontrado no ato de ler.

Referências bibliográficas

BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias: conhecimentos literários. In: *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília, MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, Tereza. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2009.

DANTAS, Janduhi. *A mulher que vendeu o marido por R\$ 1,99*. Patos, 2005.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor In: JAUSS, Robert Hans et al. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 83 – 132.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: JAUSS, Robert Hans et al. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43 – 61.

_____. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: JAUSS, Hans Robert. et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Literatura e Teoria literária, v 36). p. 63 – 82.

PARAÍBA. *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba*. João Pessoa: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 2006.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Coleção Literatura e Ensino, v. 2).

RÉGIS, Sônia. A densidade do aparente. In: *Cadernos de Literatura*: Lygia Fagundes Telles. Número 5. São Paulo, IMS, 1998.

SOARES, Marcelo. *O MARIDO que rifou a MULHER na Feira da Sulanca*. Timbaúba: Folhetaria Cordel, 2007.